

A série **Gente do MOC** conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semi-árido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição você conhece a história de Margarida Pereira, que há 29 anos trabalha na entidade.

Uma vida dedicada à comunidade

A história de Margarida Maria Pereira de Jesus, ou simplesmente Margô, como é carinhosamente conhecida, tem início na pequena cidade de São Gonçalo dos Campos, na Bahia. Seu pai, José Rodrigues, era um humilde negociante de farinha que viajava pelas cidades do Recôncavo baiano e com o pouco dinheiro obtido sustentava nove filhos.

Foi em uma dessas viagens que Margarida, então com quatro anos de idade, viu a sua vida mudar. Enquanto tentava negociar a farinha na cidade de Santo Amaro, José Rodrigues foi atropelado e faleceu. A família Pereira morava em terras arrendadas e a mãe, Lídia Pereira, viu na mudança para Feira de Santana a única forma de tentar garantir o futuro dos filhos. Como não tinha estudado, conseguiu um emprego em um armazém da cidade.

Margarida só teve a oportunidade de frequentar uma escola aos oito anos. Estudou no antigo Colégio Jardim Cruzeiro, onde atualmente funciona o Godofredo Filho. "Estudei apenas um ano no Colégio Jardim Cruzeiro, onde fui escolhida a Princesa da Primavera", relembra. Passou por mais dois Colégios, como o Assis Chateaubriand e Edite Mendes da Gama e Abreu.

Empenho nas questões sociais

Muito antes de integrar a equipe de funcionários do MOC, Margarida já demonstrava o interesse pelo movimento social. Quando morava no bairro Sobradinho, fazia parte do Grupo Bíblico e ensinava catequese. Na época, o grupo pertencia a Paróquia Senhor do Bonfim e o Pároco era Albertino Carneiro, fundador do MOC, que conhecia de perto as necessidades dos bairros carentes de Feira de Santana e o trabalho voluntário de alguns jovens, entre eles, Margarida.

Com uma enorme satisfação e muita alegria, Margarida conta que foi uma das incentivadoras do Livro de Ouro, que ajudou a comprar o terreno onde hoje funciona a Igreja da Gabriela. "Nós tínhamos que cami-

nhar muito para assistir a missa no Cruzeiro e faltava um espaço para discutir as questões sociais. Então mobilizamos a comunidade para trazer uma igreja para o bairro", conclui.

A arte de datilografar

O Trabalho desenvolvido pelo MOC nos bairros de Feira de Santana estava ganhando o reconhecimento e a confiança de pessoas importantes da cidade. Em 1973, José Falcão - na época prefeito da cidade, demonstrou interesse no trabalho e estimulou Albertino Carneiro a montar uma escola de datilografia na instituição. A iniciativa teve o apoio do Banco do Brasil que cedeu máquinas de datilografia usadas. A escola era volante, ou seja, percorria os bairros da cidade quando solicitada pelas comunidades. Ao final do curso, os participantes recebiam um certificado através de um convênio com a Prefeitura Municipal. Margarida aprendeu o ofício na Igreja Senhor do Bonfim e se emociona ao falar da sua professora Leonor Alves. "Leonor era uma pessoa ótima", afirma.

No entanto, o destino mais uma vez interfere na vida dessa mobilizadora comunitária. Leonor Alves é aprovada em um concurso público e a jovem Margarida é convidada a dar aulas, não alfabetizando crianças como fazia para ajudar em casa, mas preparando pessoas para o mercado de trabalho.

Antes do advento da informática, o curso de datilografia fazia a diferença para a conquista de um emprego. No entanto, o curso do MOC era diferente por não formar apenas datilógrafos, mas, cidadãos. "Era

um curso que preparava para a vida, com aulas sobre relações humanas, legislação trabalhista e outros temas", conta orgulhosa.

Hoje em dia, é fácil encontrar quem já foi aluno de "Margô". No próprio MOC, muitos funcionários passaram pelas mãos da "professora exigente". Margarida diz que cobrava o melhor dos alunos, mas sabia retribuir o esforço das turmas organizando confraternizações e passeios.

A recompensa

Com o avanço da tecnologia, cresce o mercado de informática e a procura pelo curso de datilografia cai rapidamente. Em 1999, a escola é fechada e Margarida assume a função de recepcionista e telefonista da instituição. Quando questionada sobre a mudança, Margarida - muito feliz e ao mesmo tempo emocionada - fala que apesar de ter passado 23 anos ensinando datilografia, sua maior recompensa é quando alguém diz "Muito obrigada por tudo, Margô".

Durante a conversa com Margarida, ela atende ao telefone, abre o portão, enviava e recebia fax e mesmo assim não perdia o bom humor. Revela que há pouco tempo, enquanto estava indo trabalhar, encontrou uma mãe que disse: "Obrigada por ter ensinado tão bem aos meus filhos. Hoje, eles estão na universidade e uma das responsáveis é você".

Com um sorriso no rosto, ela diz que o trabalho de telefonista é uma continuação do anterior e que é parte importante para o funcionamento do MOC. "O MOC é uma entidade que possibilita o exercício diário da cidadania. Todos nós juntos contribuimos para mudar a vida das pessoas", declara.

Mesmo estando na era do atendimento e transferência automáticos, o MOC não abriu mão do trabalho de Margarida. "Vocês ainda vão ouvir muito isso: MOC, Margarida, boa tarde", risos.

Atualmente Margarida estuda Pedagogia e sonha em se especializar em gestão escolar.

Nome: Margarida Maria Pereira de Jesus

Estado Civil: Solteira

Leitura: Revistas

Músicas: Românticas e MPB

Para distrair: Viagem e praia



Eshanjando inventividade, compromisso com o meio ambiente e a educação, o agricultor familiar Abelmanto Carneiro de Oliveira transformou o próprio sítio em um centro de referência de preservação do meio ambiente, um espaço de aprendizado para agricultores e principalmente crianças e adolescentes da comunidade de Mucambo, em Riachão do Jacuípe, Região Sisaleira da Bahia.

Reinventando o Sertão

No início do ano, uma equipe de reportagem do programa Ação da Rede Globo esteve presente na Região Sisaleira, registrando as atividades que o MOC e seus parceiros têm desenvolvido para proporcionar uma vida mais digna aos moradores dessa região, que não sofrem apenas com o fenômeno cíclico da seca, mas também, com o preconceito de que no sertão não há como viver.

Durante uma semana a equipe, impressionada com a diversidade da região, teve a oportunidade de conhecer o agricultor Abelmanto Carneiro, que fez de sua propriedade no município de Riachão do Jacuípe, uma escola ao ar livre. Com muita criatividade, empenho e carinho no trabalho com as crianças, ele mostra que a convivência com o semi-árido já é realidade.

O Programa Ação sobre o MOC, veiculado no dia 10 de fevereiro, mostrou o artesanato e a cooperativa de mulheres, a construção de cisternas para captar água das chuvas, propriedades agroecológicas e educação do campo. No entanto, o destaque ficou com Abelmanto que com muita simplicidade mostrou como canetas recicladas podem ser utilizadas na irrigação. Essa invenção fez com que o Programa de Comunicação do MOC recebesse vários e-mails parabenizando a iniciativa e solicitando a socialização do processo de construção.

Nayara Cunha, técnica do MOC que acompanhou as gravações, diz que o grupo ficou encantado com tantas invenções, mas era impossível mostrar tudo no programa. A partir disso, pensamos que o Bocapiu seria o espaço ideal para divulgar outras ações desenvolvidas na propriedade por esse sertanejo criativo. Afinal, o Bocapiu nasceu com o objetivo de contar experiências por um sertão justo.

Boa Leitura!

Lorena Amorim
Estagiária do Programa de Comunicação do MOC

Raio X da propriedade

Distância para a sede do município: 16 km;
Tamanho da propriedade: 25 tarefas, ou seja, 11 hectares;
Apicultura: 22 colméias com produção anual de 200 litros de mel, que são vendidos em média a R\$ 10,00 cada um;
Criatórios de animais: 26 suínos, 30 caprinos e ovinos, 4 bovinos, além de aves como galinha e patos;
Horta: a diversificada horta tem uma infinidade de produtos e não recebe nenhum tipo de agrotóxico;
Viveiro: 22 espécies de plantas nativas quase em extinção como, por exemplo, aroeira, cedro, ipê roxo e barriguda, um total de 120 unidades;
Outra especialidade: a produção de queijo com leite de vaca também é destaque da propriedade;
Cerca elétrica: algumas áreas da propriedade são protegidas utilizando energia solar.

Convivência criativa: espaço de aprendizado no sertão da Bahia

Com invenção, criatividade e dedicação o agricultor familiar Abelmanto Carneiro de Oliveira, 34, transformou sua propriedade de 25 tarefas em milhares de hectares de cidadania, preservação ambiental e numa escola a céu aberto. Crianças e adolescentes da comunidade de Mucambo, em Riachão do Jacuípe, são os principais experimentadores da inovação feita por Abel, como ele é conhecido.

Toda segunda-feira Abel visita a escola municipal do Projeto Conhecer, Analisar e Transformar (CAT), que fica em Mucambo, para discutir as questões relativas ao campo com crianças e professores. Jeferson Alves, 12, estuda a 6ª série e afirma aprender muito com esta iniciativa voluntária do agricultor. "A gente aprende

como se faz o reflorestamento, curtume de esterco, artesanatos e muito mais", conta.

Mas não fica por aí. No turno oposto ao da escola regular as crianças vão para roça. Diferente do que acontecia com frequência na Região Sisaleira antes da implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), os meninos e meninas estudam, pesquisam e aprendem técnicas e tecnologias de convivência com o semi-árido, através do Projeto Vida do Solo, criado em 2004.

Mesmo com dificuldades de financiamento de suas invenções Abel dá prosseguimento a cada nova idéia. E as crianças também contribuem com a realização. "É muito bom

participar com ele [Abel]... ele tem muita paciência para nos ensinar", informou Jeferson.

Material reciclável vira bomba d'água, liquidificador manual, aquecedor de água e artesanato no próprio sítio. Outros materiais como plástico, papelão, vidro e alumínio são recolhidos na comunidade e vendidos. O dinheiro ajuda a manter as ações na propriedade com lanche e almoço para as crianças, além de material de apoio para as atividades.

"Temos que fazer um pouco de cada, porque tem época que não dá uma coisa e dá outra. É isso que eu tento passar para as crianças e os agricultores que trabalho", explicou Abelmanto. Na diversificada propriedade, ele também faz capacitações e encontros de troca de experiências entre 28 famílias do Projeto Prosperar das comunidades de Mucambo e Sítio Novo. Outro destaque da propriedade é o viveiro que possui 22 espécies de plantas nativas que estão quase em extinção, como a Barriguda - árvore da família das bombacáceas, de tronco grosso e ventruado pela grande quantidade de água que armazena.

"É um trabalho voluntário que nos deixa feliz por estar preservando o meio ambiente. E trabalhar com as crianças é muito bom por que a gente ensina e aprende",

comenta Taimara Oliveira, 16 anos, monitora do projeto Vida do Solo



"Bomba Malhação"

Abelmanto Carneiro é um excelente inventor. Ele construiu uma bomba d'água para regar a horta e até mesmo bombear água do tanque para a casa, onde mora com a esposa e uma filha. A bomba é produzida com tubos de conexões, cola e borracha. Custa em média R\$ 50,00 e já recebeu muitos elogios pela eficiência. Abelmanto já produziu 50 unidades para agricultores de fora e 17 para a própria comunidade. Uma novidade é o sistema de irrigação realizado com a bomba que é manual. Na ponta da mangueira ligada à bomba tem um cano de caneta que foi reciclada e virou um espalhador de água que gira e molha até 5 metros de diâmetro. Apropriado para regar coentro, alface e cebola.



Preservação ambiental: mudas de plantas que estão quase em extinção.

Caneta reciclada vira instrumento de irrigação

Projeto Vida do Solo

Início das atividades: 08 de maio de 2004;
Comunidade: Mucambo, município de Riachão do Jacuípe, próximo ao Distrito de Chapada;
Crianças e adolescentes envolvidos: 25 meninos e meninas;
Monitores voluntários: 3 estudantes no nível médio;
Lixo recolhido da comunidade: 1 tonelada em 2 anos;
Recuperação do solo: 282 pontos de solo fraco foram recuperados na comunidade;
Interação com outros projetos: Através da escola o Projeto Vida do Solo faz ações em conjunto com o Projeto Baú de Leitura e o CAT. Através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, interage com o Prosperar.